

Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 30 de Março de 1985 * Ano XLII — N.º 1071 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

POBRES

«Onde Te encontraremos Senhor?»

Quando, naquela tarde, encontrei a Irmã X vestida como qualquer mãe indígena, no meio de suas meninas pobres, em casa bem modesta e igual às do bairro, senti que algo tinha mudado.

Ai de nós que, tantas vezes, perdidos em nossas Obras grandes, em nossos conceitos de poder e segurança, de união em grupos — que queremos fortes e representativos — perdemos a capacidade de mostrar aos homens o verdadeiro Rosto de Jesus!

AQUI, LISBOA!

«Eu não leio, nem faço, nem escuto discursos, que o tempo não me dá para tanto. Caminho — apaixonado. Perdemos com eles horas preciosas a ensinar o Mundo como se há-de fazer — sem fazer; e os outros vêm e fazem.» (Pai Américo)

Palavras, palavras, palavras, ... são expressões duma canção de origem francesa que, frequentemente, se ouve por aí. Discursos e discursos; declarações e declarações; conferências e conferências; seminários e seminários; mesas redondas e mesas redondas; e não sabemos que mais, repetitivamente, são o pão nosso de cada dia. Tanto tempo gasto e resultados nulos, quando não negativos! Na verdade, com tanta inflação verbal, perdemos horas preciosas sem nada fazermos de concreto ou útil.

Mais do que discursos nós precisamos de obras, sobretudo quando há carências sociais a exigirem respostas. Mais valia que se estudassem em profun-

Cont. na 3.ª pág.

Não foram os grandes colégios e o grupo ordenado e poderoso que é a sua Congregação; foi e é através desta e outras irmãs, envoltas em panos iguais aos das mulheres da sua rua, como elas comendo mandioca cozida e servindo o povo simples que o Rosto de Jesus se revelou e revela em todo o Seu esplendor.

● No meio do deserto, só e inofensivo, Padre Foucauld levou um tiro na cabeça. Cafu nas areias como um trapinho inútil. Só o Senhor despido e na cruz foi mais pobre! Tão fraco até que o tiro soou! Logo veio a Força do Senhor e dominou a imensidão do deserto... E das areias humedecidas por seu corpo abatido, emergiu o verdadeiro Rosto do Senhor.

● As calçadas escorregadias de Miragaia (Porto) dão às Criaditas dos Pobres um ar de maior fraqueza. Descem a tac-tear. Leves como penas. Somente o carrego interior dos Pobres que, todos os dias, visitam.

— Os dias não são compridos e alguns pouco mais têm do que nós levamos... — disse uma.

Tão fracas! Não sabem o que levarão amanhã. Tantas vezes só uma palavra amiga e a limpeza total das doentes acamadas.

«Quando sou fraco é que sou forte.»

A verdadeira Face!

● Outra vez num bairro pobre duma grande cidade. Várias vezes os canhões de guerra ressoaram nos morros. Vieram grupos famintos de refugiados. Um grupo de irmãs, expulsas dos seus colégios grandes e bonitos, subiu a encosta. No monte, os refugiados faziam as suas palhotas. Nestes irmãos com fome viram, por fim, a Face do Senhor... No cimo, bem junto deles, fizeram a tenda. Ali estão, todos os dias, servindo o Rei que está em cada um.

A revolução é um mal... Só visto e experimentado na carne! Que ela venha? ...Não, meu Senhor! Deves ter muitos justos na cidade!

E a nós ..., lembra-nos!

Padre Telmo

SETÚBAL

■ Foi no fim do jantar. Os rapazes tinham já deixado a barulhenta refeição e a sala apresentava-se, agora, mais sossegada e apetecida. O barulho da malta, à hora da comida, começa a causar-me dores de cabeça. É o desgaste dos anos!

Eu encostava-me à ombreira da porta de saída, apoiado somente num pé, em posição de relaxe, enquanto passava os olhos e o coração pelo O GAÍATO que me havia chegado fresquinho. Sou interrompido e acordado da minha absorção pela Isaura que me apresenta uma mão cheia de urtigas arrancadas com as raízes ainda pegadas à terra que as suportou:

— Olhe o que o «Colégio» pôs na cama do Gilmar!...

A Isaura, que dá a sua maternidade aos mais pequeninos, vinha magoada e confusa:

— Ele já aqui, há tempos, andou a molhar a cama de alguns para os acusar de fazer chichi!...

O José Carlos e o Paulo são dois gémeos adoráveis que, há três anos, trouxe de um colégio de Lisboa. Andavam sempre a falar do colégio — nome que

na gíria dos rapazes é um tanto ridículo — e ficaram os «Colégios».

Filhos de um homem alcoólico e psiquicamente doente, foram totalmente abandonados com mais irmãozinhos pela mãe e pelo pai, ficando, com cinco anos, entregues à sua sorte.

Um colégio orientado por senhoras piedosas acolheu as crianças, mas eles cresceram marcados pelo milhões de carências da sua infância e pelos cromossomas da ascendência sem qualquer correcção. Os rapazes chegaram quase aos doze anos sem saberem ler nem escrever. Haviam experimentado, na Capital, escolas normais e especiais, colégios e mais não sei quê. Nada! Na altura já não iam a escola nenhuma. Todos os esforços deram em fracasso. No colégio nada parava com eles: iam pròs telhados; assaltavam e ameaçavam; tinham deitado uma parede abaixo! Eu sei lá...! Não faziam nada. Comiam e desgraçavam-se perante os olhares doridos e impotentes de quem os acolhera.

Aqui, em nossa Casa, toda a

minha gente trabalha. A capacidade de trabalho de cada rapaz é a sua grande riqueza; por isso, ela começa a ser desenvolvida logo em «batatinhas».

Os «Colégios» têm obrigação — nome que os rapazes dão às tarefas individuais que diariamente cumprem, fora das horas de escola. O Paulo limpa o quarto dos mais pequeninos, o balneário e o corredor. O José Carlos é da erva.

O Paulo — mais nervoso e mais impulsivo — já me ameaçou outro dia! O José Carlos é mais calmo e mais equilibrado. O Paulo tem passado muitos dias a comer de pé no refeitório para aprender a dominar-se. Um dia destes armou zaragata com o chefe-de-mesa, que é pouco maior do que ele e da sua idade, e preparava-se para lhe espetar um garfo na garganta — se o chefe-maioral não intervisse rapidamente, agarrando-o.

Andam ambos nas nossas escolas. Já lêem e fazem contas. São profundamente carenciados de afecto e firmeza.

O pôr urtigas na cama do Gil-

Cont. na 3.ª pág.



«Em todas as Casas do Gaiato é indispensável o elemento «batatas». Batatas para comer com bacalhau, pois claro. «Batatas» com o artigo masculino os — nome que na gíria das nossas Casas designa os miúditos. São os príncipes! Não são de comer com dentes, mas sim com beijos.» (Pai Américo)

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Os novos Pobres aumentam assustadoramente! Uns, porque desempregados; outros, com salários em atraso; outros, ainda, com deles pequeníssimos, que mal chegam para a alimentação quanto mais para o resto, com a agravante de serem ganhos longe da família — triste diagnóstico d'assimetrias regionais!

Ela traz o filho ao colo e, por companhia, uma velha mãe solteira que não teria moradia se não fosse o Património dos Pobres.

Uma Pobre pela mão doutra (samaritana)!

A mulher chora o seu calvário de coração aberto — chagado pelas necessidades:

— O meu home trabalha longe... Arrecebe só nove contos limpos, ô mês. A gente pagamos três contos d'aluguer da casa. Temos já três filhos. Vejam com'ê a nossa vida...!

Não valeria a pena acrescentar mais. Ela disse tudo — tão bem! — em tão poucas palavras. É que, por tarimba, em casos idênticos, ouvimos, ouvimos — tempos d'ouvir! — repetições. E ouvimo-las para nos situarmos e haver sintonia.

Mais: É um casal jovem que, desde a lua-de-mel, habitou em garagens por falta de habitação. Agora, porém, estão muito pior: o homem desempregado.

Já lhes conseguimos uma moradia. Foi uma grande alegria! Ela havia sido anteriormente ocupada por uma família — de famílias destruídas... — que para aqui emigrara. Migrações internas que, no rolar dos tempo e por vários factores, também aumentam significativamente!

Pois o jovem casal tomou conta das chaves com a obrigação de no-las devolver logo que surja uma casa no mercado..., de acordo com as suas posses. Aceitaram outra condição: colaborarem na reparação do edifício, sendo os materiais oferta dos nossos leitores.

Pois lá estão que nem um sino! Limpam aqui, consertam ali, embelezam acolá. Até vão reparar o pequeno caminho d'acesso, por mor da chuva e da limpeza doméstica.

Hojê, porém, a jovem mãe aparece debulhada com um filho ao péito:

— Ele precisa destes rumédios... Não temos nada prôs comprar... Acudam ô meu filhinho...!

Como ainda temos algum crédito na botica — graças a Deus e aos nossos leitores — a pobre mãe foi aviar o receituário pelo seu pé, servida como uma cliente normal, sem nada que a diminua aos olhos do Mundo.

Ainda mais — que temos de ficar por aqui: Aquela avozinha que ficou com os netos, por morte dos pais, perora *«uma ajudinha»* extraordinária para a *«Festa da Comunhão»* de um deles.

No meio dos casos graves a que temos de botar mão, quase todos os dias, estes encontros — para além

do aspecto humano — são horas altas de partilha espiritual.

Quanta alegria na alma desta avó, marcada pelos anos e pelas dificuldades, já que, na cerimónia, poderá situar o neto sem discriminação — testemunhando discretamente o Mandamento Novo!

PARTILHA — Rua da Saudade, Lisboa, 1.700\$00: *«Este trimestre vai um pouco mais — uma pequenina ajuda para melhorar a refeição da Páscoa duma das famílias mais necessitadas. Desculpem ser tão pouco, mas é de todo o coração»*. Aqui temos uma mensagem de Páscoa!

Assinante 24522, da Rua do Vale, Porto, um cheque dividido por vários sectores, sendo 3.000\$00 *«com muito gosto»* para os Pobres da Conferência. Estas legendas trazem muito da alma de cada um!

Assinante 3359, também do Porto, metade dum cheque e um voto amigo: *«Fico pedindo a Deus nosso Senhor por vós...»* Isto não tem medida nas contas do Mundo!

Outra Oração: Assinante 32763, de Mortágua, envia 2.000\$00 *«para a Conferência de Paço de Sousa ajudar os mais necessitados de apoio moral e material. Faço os meus votos perante Deus para que alivie os mais infelizes dos males que os afligem»*.

Mais Porto! Assinante 13229 com 2.500\$00: *«Acreditem na gratidão muito profunda de alguém a quem tão bem faz O GAIATO»*.

A capital do Norte soma e segue! Assinante 7769, da Rua das Mercês, uma nota *«com muita pena de não ser de mil para ajuda das necessidades da Conferência»*.

A presença habitual de Vilares (Vila Franca das Neves).

Ainda mais do Porto (e porque não um viva o Porto?!): O remanescente de contas d'O GAIATO, da assinante 23547; a assinante 13519, da avenida da Boavista — frente ao mar — 2.500\$00 *«sufragando um ente querido»*; a assinante 19177: *«como*

sempre a minha pequenina oferta para os Pobres» — tão assídua! Ainda a *«Maria de Portugal»* — riquíssimo pseudónimo! — com *«a desobriga deste mês (de Março) para os Irmãos sofredores, ajudados pela Conferência Vicentina»*.

Do Porto a Rio Tinto é um saltinho: cheque de 1.300\$00, *«percentagem dum trabalho que recebi. Destina-se a ajudar a Conferência no que for mais urgente»*.

Assinante 12313, de Lisboa, *«uma migalhinha para o que vos parecer mais conveniente»*. Não esqueceram muito tempo nas mãos do nosso tesoureiro! Os apertos dos Pobres são de todos os dias!

Assinante 27952, de Aveiro: 500\$00, uma carta cheia de amizade e um hino de louvor a Pai Américo. Sabe-nos tão bem matar saudades!...

Agora, vem lá a assinante 31782, de Escalhão, com *«o meu contributo penitencial desta Quaresma para ser aplicado no que for mais necessário nesta altura»*. Almas projectadas para o Céu!

Agradecemos ao Senhor, nosso Deus, a perseverança de *«uma assinante de Paço de Arcos»* que, todos os meses, retira uma valiosa percentagem do seu vencimento para os nossos Pobres e nunca deixa, também, de reflectir para o Alto: *«Com um abraço fraterno, envio a minha partilha mensal. É preciso manter a Esperança, pois se olharmos para a História, há sempre qualquer coisa que melhora. A semente do Reino de Deus pode ser pequenina — mas vai produzindo frutos»*.

«Avó de Sintra», 2.000\$00 *«para a família do costume»*. E acrescenta: *«Enquanto o meu senhorio não me aumentar a renda, irá igual quantia. Mas se o Estado me aumentar, também aumentarei esta migalha com uma migalhinha»*. Retribuímos, com Amizade, o forte abraço.

Uma Rosa, de algures, deixou no Espelho da Moda *«500\$00 para auxílio dum aluguer»* Estamos a pagar

alguns — por conta dos nossos Pobres.

Os habituais 10 rands de Umbilo — Durban (África do Sul).

Fechamos com 1.000\$00 de *«uma portuense qualquer»*, entoando um hino à Misericórdia de Deus que, por intermédio de tantos Amigos, bota a mão, na hora própria, aos mais desvalidos: *«Na rectaguarda, desejo continuar a enviar migalhinhas para a vossa Conferência Vicentina»* — remata, d'alma cheia!

O nosso muito obrigado em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

TIPOGRAFIA — Nas nossas Casas do Gaiato há uma lei que dá a todos os rapazes oportunidade de escolherem uma oficina a partir de uma certa idade. Mas, para isso, é preciso terem um ano de faxina em trabalhos da comunidade.

Temos mais dois rapazes aptos — o «Piasquinha» e o Ricardo — que pertencem, agora, ao grupo dos tipógrafos. Vamos colaborar com eles, o melhor possível, para que sejam bons tipógrafos na famosa arte de Gutenberg. O «Piasquinha» quer ser compositor, o Ricardo impressor. Também nós — os mais antigos — vamos contribuir para que sejam felizes no seu trabalho.

MATA — Tínhamos dito que andavam dois *«caterpillers»* na nossa mata, a preparar um terreno para servir de pasto às nossas ovelhas. Agora revolvem mais uma área onde será plantada uma vinha.

CURSO DE SERRALHEIROS — O curso de serralheiros está a andar para a frente. Muitos deles já estão com alguma preparação. O curso acabará no fim de Maio ou no princípio de Junho.

Esperemos que continuem em bom ritmo e saibam aproveitá-lo cada vez melhor para o futuro de cada um.

VISTAS — Continuam a aumentar as visitas à nossa Aldeia, quanto mais cresce o dia solar!

Têm vindo excursões de todos os lados e dos mais diversos estratos: Crianças da Catequese, estudantes, professores e gente de todas as cama-

das sociais. A nossa Obra está no coração de todos os portugueses!

Manuel Augusto («Chinês»)

DIVAGANDO — É na solidão, no silêncio e também no sofrimento que se descobrem muitas coisas doutros momentos, toda a amplitude de um sentimento se torna mais real nesta altura.

No sofrimento há melhor compreensão e melhor contacto com a realidade. Tornamo-nos mais sensíveis e achamos mais graça e mais beleza ao que é natural.

Hoje dei uma volta pelos campos da nossa Aldeia e, como sempre tem acontecido, a Natureza penetra em mim, relaxa o espírito do stress do quotidiano e aumenta as minhas energias.

Devo à nossa Obra o ter-me dado a sensibilidade suficiente para compreender as riquezas das dádivas de Deus.

Que insípida e sem sentido seria a minha vida se não surgisse no meu caminho a possibilidade da Casa do Gaiato! Hoje, seria, talvez, mais um dos muitos jovens perdidos e afastados do essencial.

Educando o rapaz pelo rapaz e fazendo do «lixo» Homens, na Obra da Rua tem prevalecido, ao longo dos anos da sua existência, esse amor que Pai Américo nos legou — o amor ao Próximo.

Assim ele se converteu através do Pai Celeste, para nós seus filhos e para que vivamos na profundidade sincera e sadia desse amor, em força e alimento.

Há, também, o endurecimento das almas pelo sofrimento das ruas... Estes rapazes são nossos. Quantas e quantas amarguras nos dão — quantas?! Levantam-se e caem para se levantarem e voltarem a cair. Mas são nossos! Para eles é o nosso trabalho: na atenção que se lhes dedica, nos conselhos e até mesmo nos castigos. Pertencem-nos! Para eles temos que elevar o bem ainda mais alto para que entre em contraposição do mal e compreendam não existir outra força que dê sentido e razão à vida do que a Força que vem do Filho do Homem.

No amargo do nosso dia-a-dia, no empenho dos nossos esforços, temos a alegria de ver os nossos mais pequenos crescer em harmonia e pureza. Vemos a sua metamorfose...

É dura esta luta, é necessário grande sacrifício para levar a bom termo os nossos propósitos.

Quantas vezes no meio da Caminhada desanimamos e arrastamos aqueles que em nós se fotografam?

É precisa grande fé para prosseguir. Temos o exemplo de Pai Américo a dar-nos Força, qual estandarte real no campo de batalha.

Pelas possibilidades de transformação de vida, pela realização que nos oferece, pelo amor que nos dedicou e do qual nos deixou herdeiros, Pai Américo é, e continuará a ser, a luz



Nas Casas do Gaiato tudo cresce à vontade: plantas, flores, pintainhos, Rapazes — tudo!

O «ANDORINHA»

É um Gaiato esperto
Chega sempre na maré
Ao restaurante ou café
De encontrar o freguês certo.

Vem sobraçando os jornais
Com o seu olhar gaiteiro
Arrecadando o dinheiro
Que às vezes lhe dão a mais.

Corre as ruas da cidade
Sempre cheio de canseira,
O seu regresso à lareira
Fá-lo ao cair da tarde.

Henrique Fernando Marinho



SETÚBAL

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

mar, que tem cinco anos, foi chamar-nos a atenção para o menino pequenino que dentro dele não cresceu — por falta de pais e de condições. Agora, na adolescência, os nossos olhos, a nossa inteligência e o nosso coração têm de estar continuamente com os «Colégios» para que o Homem que eles têm que ser amanhã não fique para sempre reduzido e os atire para a marginalidade.

Gostei de ver o molho de urtigas nas mãos da Isaura. — **Foram ciúmes, dirás tu! Gritarão outros: — Eles são maus!** É clamor de atenção e falta de carinho — dirá o Evangelho. Feliz de quem responde e redime — dirá Jesus Cristo.

● Há dias, uma prostituta muito jovem confidenciava-me que fora expulsa dum colégio por ter revelado uma experiência sexual com um homem casado, quando tinha catorze anos!...

— **Não pode permanecer cá** — diz a directora, ciosa de manter invioláveis regras e a pureza ambiental da instituição.

As lágrimas da moça saltaram como bolas de ping-pong nos seus olhos grandes e sensíveis. Fora do colégio a mãe

não a recebeu. Quem a acarinhou foi o homem casado que a violara, enganando-a, afirmando ser livre. Ficou grávida. **«Quando quis provocar o aborto era tarde»** — relata ela em convulsões!... Pontapés sobre pontapés. Quedas sobre quedas. Ambiente social agressivo e marginalizante. Sub-mundo fascinante para uma adolescente. O resultado está à vista!...

Querer levantar-se — é o seu desejo. Mas como?, se só a apoiam os homens que a exploram? Nem todas as suas queixas são rectas. Mas eu sei que há colégios onde isto é tabu. Uma falta destas traz, irremediavelmente, a expulsão.

Meu Deus!... Como a vida é dura e difícil de aguentar quando as comunidades são grandes e influenciáveis! Com adolescentes, a gente anda sempre com o credo na boca!... Que se converse; que se esclareça oportuna e importunamente; que se dialogue, mesmo monologando; que se ameace; que se castigue; que se use tudo — menos a expulsão. **«Os pais não põem os filhos fora de casa»** — diria Pai Américo!

Quantas famílias escondem, inviolavelmente, as experiências de irmãos! Pôr na rua uma adolescente, é pecado que brada aos Céus! Iria quase a dizer que é pecado sem remissão,

Cont. da 1.ª pág.

didade as questões e se tomassem as medidas adequadas exigidas do que gastar saliva. Menos gastos sumptuários, mais parcimónia na vida pública, menos vaidade pessoal e colectiva, muita decisão e empenho é o que se pede. Os homens públicos têm de servir apaixonadamente e não pensar em servir-se, a si e às clientelas

pois quem o comete julga fazer uma boa obra. O Evangelho é posto de parte. O que impera é a regra!

A dor, as lágrimas, o olhar e a instabilidade daquela moça ficaram-me indelutavelmente marcados na alma! As grandes tragédias deste País prostituído começaram assim!

Não digas que não há remédio. Não cruces os braços. Não te lamentes. Age! Olha que com Cristo Crucificado tudo podemos! Se não conseguirmos muito, colheremos pouco! **«Mas o pouco com Deus é muito»**...

A Igreja que não tem nada de significativo para estas nossas irmãs, amadas por Deus, não pode ficar indiferente diante da calamidade que assola o nosso País! Se ouvirmos a Voz de Deus, o Seu Espírito suscitará iniciativas!

Padre Acílio

que os rodeiam. Os mais fracos, os mais pobres, os mais desfavorecidos têm de estar sempre presentes nas suas preocupações.

Falar em liberdade só porque se pode escrever ou dizer o que se quer, cantar loas à democracia só porque há eleições livres, é muito pouco. Sem pão, sem casa, sem emprego, sem reformas capazes, etc., aquelas expressões perdem sentido, para significarem, antes, uma ditadura feroz de umas centenas de privilegiados ante uma multidão de aflitos ou escravos. A liberdade e a democracia só têm consistência se a fome não existir e os outros direitos fundamentais do homem forem contemplados, combatendo-se a corrupção e o nepotismo patentes à vista desarmada e assegurando a segurança das coisas e dos cidadãos com uma justiça pronta e eficaz. Ao contrário, tudo serão palavras, palavras, ..., sem nexo ou inconsequentes.

Com auxílios oficiais insignificantes, que mal chegam para pagar a electricidade gasta, nós temos intra-muros 120 Jovens. Muitas vezes temos pensado que bom seria que todos os homens tivessem o que os nossos Rapazes usufruem: uma cama fofa e com roupa a condizer com o tempo; vestes e calçado, dentro das nossas possibilidades; água quente e fria para se lavarem; quatro

refeições diárias, abundantes e nutritivas; escolas dentro e fora para se instruírem; assistência na doença; etc, etc, etc. Sêgredo? Não. Tudo muito simples, à maneira do ovo de Colombo: **caminhamos apaixonadamente fazendo**, antes que venham outros e façam. — Eis, diria Pai Américo.

● Queremos agradecer o cuidado dispensado ao apelo feito para que os Amigos da Capital e arredores se façam assinantes d'O GAIATO. Inúmeros acorrem à chamada, remetendo as suas inscrições e pagando até adiantadamente.

Apraz-nos registar a compreensão verificada ante as razões aduzidas ao suspendermos a venda d'O GAIATO nas ruas e às portas das Igrejas de Lisboa. Os valores em causa não têm preço, pois está em jogo a formação dos Rapazes. Se os Leitores de Lisboa aceitarem, como grande número o tem feito, a sugestão da remessa da respectiva assinatura para esta Casa, os prejuízos materiais não serão de monta. De resto, como o mesmo pode ser feito no Franco Gravador, Rua da Vitória, n.º 40; na Maison Louvre, Rossio, 106; na Secretaria do Montepio Geral; ou no nosso Lar, Rua Ricardo Espírito Santo, 8, r/c, dto. — tudo se tornará mais fácil.

Padre Luiz

do nosso caminho e a força da nossa dimensão de Obra.

Júlio Fernandes («Réguas»)

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — Ponderados os «prós» e «contras», aí estamos a arrancar nos preparativos das nossas Festas. Na saída desta crónica já estaremos com os ensaios, porque estes só são possíveis pela total disponibilidade dos nossos rapazes, e as pequenas férias da Páscoa prestam-se a isso.

Por ora estamos a dar os últimos retoques teóricos para que elas sejam possíveis, na prática.

Os «prós» venceram, ou melhor, vencestes vós, porque aqueles são a vossa amizade; a alegria com que nos recebeis; a abertura sempre latente à sabedoria dos nossos pequeninos (porque amar é saber); a seriedade a que nos obriga a realidade; o despertar da hilariedade a que a vida social vos obriga a calar bem fundo.

Nós e vós juntar-nos-emos novamente em família nas vossas terras, que tão dificilmente poderíamos esquecer, porque cheias de calor humano.

Apesar das dificuldades porque temos que passar (elas são muitas e qual delas a maior!), não haverá obstáculos para o nosso reencontro.

O programa somos nós e a nossa vida. Não será feito para críticos nem para aqueles que esperam encontrar profissionais de teatro. Não o

somos, mas espontâneos; não actores perfeitos. Mais do que isso: seremos verdadeiros na nossa alegria e a verdade é perfeição.

A vossa amizade exige a nossa presença. Não faltaremos. Queremos estar presentes. Onde a sociedade nos rejeita, a família nos chama. Nos palcos não seremos os gaiatos de Miranda do Corvo; seremos os vossos gaiatos e o testemunho dos outros que ficarem. Que importam as pequenas falhas na nossa Festa-Convívio de alegria, paz e amor? São nada. O que importa é o nosso objectivo: Amar e receber amor; ser família com outras famílias

O mais difícil seria dizer sim quando o cansaço, os problemas da vida nos impeliam a dizer não. Não esteve em causa a vossa receptividade, porque sabemos que contamos sempre com ela, mas sim os problemas com que tivemos que nos debater. E eles são tantos! É o material que nos falta, remediado com a *prata da casa*; é a coordenação com a vida da nossa Casa; é o tempo; e outras coisas mais...

O tempo é escasso porque a vida da nossa Casa nos impede de estarmos mais disponíveis, não beneficiar uma coisa em detrimento de outras. A nossa vida não pode parar! Temos que nos esforçar para que tudo possa ser feito a tempo.

Esperamos poder cumprir e tudo faremos para que a nossa Festa de alegria, paz e amor seja uma realidade nas vossas salas.

Chiquito-Zé

Do que nós necessitamos

Pelas mãos da filha dum casal da R. Vale Formoso — Porto, muito nosso amigo e que nos acompanhava muitas vezes a visitar os Pobres, 10.000\$00; e a mesma quantia para o Calvário, com pedido de uma Missa por alma deles. Um envelope, não sei com quanto, também para o Calvário e mais 2.000\$00 para o mesmo fim. Pela mão do capelão do Hospital do Carmo, duas notas de mil. **3K Portuguesa:** todos os meses um cheque de 25.000\$00. Outro de 64.000\$00 extensivo ao Calvário. Uma cartinha de um menino que frequenta a 3.ª classe e que reza assim: **«Tenho 8 anos e, como devem calcular, foram os meus pais que me fizeram assinante d'O GAIATO. Gosto muito de ler o vosso jornal. Mando um cheque de 1.000\$00, por agora, porque foi o que se pôde arranjar; mas espero, brevemente, com as minhas economias, mandar mais algum»**. Bendito menino de Cacém que manda beijinhos para os nossos «Batatinhas» e fica a pedir ao Menino Jesus para que nada falte aos nossos pequeninos. Há poucos dias, uma senhora de Ermesinde veio pôr em dia a assinatura d'O GAIATO com mil escudos; mas,

olhando para a carteira e vendo o que lhe ia sobrar depois de fazer as compras, deixa-nos mais duas. Também, há dias, uma nossa Amiga entrega o seu contributo com esta afirmação: **«Não deixo esmola. Os**

crístãos não dão esmolas, contribuem com o que podem. Todos temos o dever de contribuir, com amor, para os que necessitam». Esta senhora fa-

Cont na 4.ª pág.

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

Reuniu no dia 2 do corrente o Executivo que deliberou criar quatro pelouros, a saber: **Apoio jurídico** — José Lemos; **Relações humanas** — Augusto Barroso e João Luciano; **Cultura e recreio** — Jaime Delmar e Santos Silva; **Desporto** — Luís Gomes e José Barros.

Deliberou, também, que todas as notícias serão publicadas através do «Famoso» e as reuniões abertas a todos, na

última sexta-feira de cada mês, pelas 21 horas, no Lar do Gaiato — Porto.

Ó malta, como sem castanhas não há «Magusto», esperamos que todos assumam mensalmente o seu compromisso, pois temos uma previsão orçamental até final do ano de 50.000\$00, já incluídos 12.230\$20 entregues pela extinta Comissão instaladora.

Estejas onde estiveres, nunca esqueças a Doutrina de Pai Américo. Divulga-a.

Com um abraço,

José Lemos

NOTAS DO TEMPO

Verdadeiramente não devia ser esta, hoje, a epígrafe, pois se trata não de um acontecimento de agora, mas de uma constante ao longo dos 41 anos d'O Galato mais os 12 em que Pai Américo dispôs do Correio de Coimbra e, algum tempo, d'A Ordem, para escrever o seu «ditado»: «as queixas dos Pobres a pedir pão».

«A queixa deles, amarga e justa, vai soprar as cinzas do teu coração como faz o vento às folhas caducas; e ficarás num instante deslumbrado com a beleza do tesouro que trazes dentro de ti mesmo, de que nunca deste fé por causa da poeira: o teu coração!»

Assim apresenta Pai Américo o livro Pão dos Pobres. E logo acrescenta: «Dentro em breve tempo e em virtude dos apelos aqui feitos, começa a ser espantosa a lista semanal das ofertas vindas de todo o Mundo e publicadas no Correio de Coimbra: da Europa, da África, da América, de todas as províncias do País. Por avião, por vapor, por comboio, por camioneta, de automóvel, em carro de bois, em mão própria. Nas ruas, nas estradas, nos eléctricos, nas igrejas, nos hospitais, nas casas. Roupas, calçado, livros, selos. Patos, perus, cabritos, coelhos,

galinhas. Azeite, batatas, feijão, doces, farinha, mel, mercearias. E dinheiro; muito dinheiro; muitíssimo dinheiro. O meu Prezado chama-me a contas e pergunta-me por elas. Eu digo-lhe que as não tenho nem as faço. Resposta pronta e textual: «A sua vida é um mistifório». E nunca mais me interrogou. Eis um bocadinho de história.»

Assim tem sido; assim vem sendo há 53 anos. A história continua.

O GALATO é um lugar de denúncia, sim, para que «padeça a alma» dos seus leitores, «ao saberem quanto no Mundo sofrem imerecidamente os Pobres — nossos Irmãos». O padecimento apaga a «poeira» e revela aos homens «o tesouro que trazem dentro de si mesmos: o seu coração».

Depois é o anúncio das maravilhas que Deus faz nos corações e pelos corações que se descobriram.

É este binário, denúncia-anúncio, que desencadeia dinamis-mos de conversão e faz d'O GALATO, o «Famoso». Aliás, seria mais um jornal entre tantos...!

A epígrafe de hoje poderia ser, pois, «O Famoso» ou «O nosso Jornal», já que é um hino a ele e de acção de graças por

ele o que me acode em primeiro plano! Mas vai como vai porque a oportunidade da notícia nasce daquela outra, justamente sob este título, em que, há pouco mais de três meses, demos a conhecer ao mundo a existência sofredora de um casal de doentes, oferecendo um ao outro o apoio da sua invalidez.

Como a entenderam os que sofrem semelhantemente!

«Também eu estou sózinha com o meu marido que teve um ataque de coração em Setembro; e morro de medo de adoecer porque ele precisa muito de mim pois também tem o problema da anca direita — prótese total.

Como professores aposentados, o ordenado não é muito, mas vai chegando. Por isso, passel ontem um vale de correio para darem ao casal o que entenderem por mês, até que mande mais algum dinheiro.

E que possam alertar e acordar muita gente que, como eu, tem no vosso jornal a mais sã leitura e a mais proveitosa para o coração.»

Da Ilha de S. Miguel veio este recado.

E este, do Porto:

«Sou assinante d'O GALATO. Lelo-o sempre com carinho e

admiração. Quando posso, partilho da partilha à qual todos somos chamados.

Sou viúva e velha e sei o tempo que esperei por uma mísera pensão de reforma a que tive direito pelo falecimento do meu marido. Por isso pensei que, assegurando a esse casal a quantia mensal de 1.500\$ durante um ano, eles pudessem requerer a reforma por invalidez para a esposa. É possível que demore mais de um ano... Se assim for, e se eu for viva, receberia com gosto a notícia de ser preciso ajudar até ao fim.»

Porém, nem só os experimentados pela doença ou por dificuldades materiais «causadas pelas deficiências da nossa administração governamental», acusaram o toque. De Elvas a Oeiras, com numerosas passagens por Lisboa; de Teixoso a Fiães... e de outras tantas terras — nos chegaram presenças, todas marcadas por semelhante inquietação: «Até conseguirem a pensão desejada, eu comprometo-me a enviar a mesma importância todos os meses. E que Deus se lembre deles e de todos nós».

E que dizer da delicadeza com que nos são respondidas estas notícias, das quais «não vão gozar os sentidos, antes vai padecer a alma»?!

«A mais sincera gratidão por todo o Bem que vem até mim através d'O GALATO e dos vossos livros! Deus vos pague, por aquela medida que só Ele usa, toda a felicidade que com tanta doação e perseverança espalhais pelos tristes caminhos deste Mundo. Pedi-Lhe que me faça ser generosa e me salve um filho!»

Resta-me dizer que o casal que suscitou tanta comunhão, já não é; é ela só. O Senhor veio buscá-lo, há poucos dias, desprendido da vida e sem saudades do Mundo. A beira do seu leito, numa hora de muito sofrimento, temendo ser-lhe importuna a minha presença pelo esforço que fazia a conversar, sossegou-me com estas palavras que não mereço, mas tomei como bênção: — Não; deixe-se estar! Há pessoas que nunca cansam e há outras que cansam sempre.

Para ele terminou a fadiga de viver. Agora, é ela só. Com a fraternidade em acto de tantos que só no Céu saberemos quem, não lhe tem faltado o preciso nem vai faltar até ao dia em que lhe forem prestados os seus direitos. E desta abundância, com licença presumida, temos ajudado outras famílias, a quem, se não aflige a doença física, angustia essa outra, social, que se chama desemprego.

Padre Carlos



A mensagem das nossas Festas é muito desejada — e fica em cada um dos nossos Amigos.

TRIBUNA DE COIMBRA

FESTAS

As nossas Festas! Este ano, com o peso normal da vida e um certo medo a dificuldades que possam surgir, eu estava na disposição que se não fizessem. Mas... Os mais velhos reuniram-se e que sim senhor. Que se façam Festas. Que as Festas fazem bem aos nossos Rapazes. Que os Amigos estão todos à espera. Que o pão não vem ter a nossa Casa se não o procurarmos dentro das nossas possibilidades. Que a mensagem das nossas Festas é muito desejada e fica em cada um. E mais. E mais. E mais.

Começaram também a chover recados: — Quando serão? Já haverá bilhetes à venda? Serão os mesmos dos outros anos? Levaremos os números de que mais gostaram?

Uns e outros ganharam! Fui duas noites e um dia prò telefone e ficaram quase todas marcadas. Que atenção extraordinária a dos nossos Amigos, quer os donos das salas, quer os mordomos de cada terra!

Ei-las:

27 de Abril, à noite, no Salão dos Bombeiros de Miranda do Corvo.

1 de Maio, à tarde e à noite, no Teatro Avenida de Coimbra;

3 de Maio, à noite, no Cine-Teatro de Tomar;

5 de Maio, à tarde, no Teatro de Arganil;

8 de Maio, à noite, no Teatro de Leiria;

10 de Maio, à noite, no Cinema Gardunha do Fundão;

11 de Maio, à tarde e à noite, no Cine-Centro da Covilhã;

12 de Maio, à tarde, no Cine-Teatro de Castelo Branco.

E todas as outras que havemos de comunicar. Estejam muito atentos!

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

lou também da alegria que lhe vai na alma por andar a ajudar uma mãe — rapariga nova — a quem o marido deixou e foi com outra, não se importando dos dois filhos que são uns amores! Defende-se o divórcio e outras aberrações; e quem se importa com estes amores e com estas mães que têm que lutar com heroísmo para criar os filhos? Onde está o progresso? E que dizer da pessoa que nos mandou libras em ouro e dizia que o remetente era falso e por isso não valia a pena acusar!? Deus seja louvado! Galerias Paladium, roupas muito boas. M. T. Ponte, 10.000\$00; e mais 5.500\$00 da R. Parque Desportivo, no Fundão; dez vezes mais de A. M. Martins; Águeda Matos, mil; vinte mil de Maria Helena, da Covilhã; Manuel, do Porto, 7.000\$00; Amigo, de Águeda, 22.000\$00; alunos e professora da sala n.º 5 da Escola de Carvalhal, 3.207\$50; um estudante de Direito, em Coimbra, 2.000\$00, produto de alguma renúncia que se propôs, do pouco que tem para estudar. Manuel João,

20.000\$00; cem escudos de um reformado, entregues no Lar do Porto: «É pouquinho, mas a minha reforma também é pequenina e não sou feliz se os não der, pois amo muito a Obra do Padre Américo».

Fernando Dias

Atenção

Quando o Leitor enviar importâncias para a assinatura d'O GALATO ou da Editorial não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no endereço do jornal ou na embalagem dos livros — preciosos elementos para localizarmos a respectiva ficha, ordenada por ordem alfabética.

Para o efeito poderá dirigir-se à Casa do Galato da sua região: Casa do Galato — 2900 Setúbal; Casa do Galato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures; Casa do Galato — 3220 Miranda do Corvo; Casa do Galato/Calvário — Beire — 4580 Paredes; Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administr.: Casa do Galato-PAÇO DE SQUA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Galato-Paço de Sousa-4560 Penafiel